

# DE ONDE VEM O SOTAQUE EM ITALIANO?

Da dove viene l'accento in italiano?

Where Does Italian Accent Come from?

LÚCIA MONTEIRO DE BARROS FULGÊNCIO\*

**RESUMO:** Há uma ideia difundida de que a dificuldade de pronúncia de uma língua estrangeira situa-se na produção dos sons inexistentes na língua materna. Sem negar essa interferência, o que se procura mostrar neste artigo é que o problema do sotaque vai além disso: no caso do italiano, o domínio dos sons diferentes não é um problema para a aquisição de uma boa pronúncia por parte do falante brasileiro, uma vez que todos os sons do italiano também existem em português. Até mesmo as consoantes duplas ocorrem em português, como se comprova com dados exemplificativos. Apesar disso, há problemas de pronúncia e o sotaque do brasileiro é evidente. O problema, portanto, não se situa no desconhecimento dos fones, mas deve ter origem em outros fatores. A hipótese aqui apresentada considera que o sotaque do brasileiro decorre de dois fatores: (a) da diferença do contexto em que os fonemas aparecem no português e no italiano; e (b) da diferença das regras fonológicas que operam nas duas línguas. Além disso, haveria ainda a questão entonacional, que não é abordada aqui. Para fundamentar e comprovar a análise proposta, são apresentadas considerações sobre o funcionamento fonético e fonológico do italiano e do português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronúncia do italiano; Fonética; Fonologia; Análise contrastiva.

**ABSTRACT:** È abbastanza diffusa l'idea secondo la quale la difficoltà di pronuncia di una lingua straniera è incentrata soprattutto sulla produzione di suoni che non esistono nella madrelingua. Senza negare questo tipo di interferenza, quello che si cerca di dimostrare in questo articolo è che il problema dell'accento "straniero" è più ampio e va oltre a questa considerazione: nel caso dell'italiano, la padronanza dei suoni non è un problema per l'apprendimento della pronuncia da parte dei brasiliani, dato che tutti i suoni dell'italiano esistono anche in portoghese. Anche le consonanti doppie appaiono in portoghese, come si dimostra sulla base dei dati che vengono presentati negli esempi. Eppure ci sono problemi di pronuncia e l'accento di coloro che sono hanno il portoghese brasiliano come madrelingua è evidente. La difficoltà dunque non si basa

Lúcia Monteiro De Barros Fulgêncio\*

\*Universidade Federal De Minas Gerais (UFMG) -

luciafulgencio@hotmail.com (ORCID 0000-0002-1513-0233)

DOI:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i40p94-113>



sulla non conoscenza di alcuni foni dell'italiano, ma ha probabilmente origine in altri fattori. L'ipotesi presentata qui considera che l'accento del brasiliano proviene da due origini: (a) dalla differenza del contesto in cui i fonemi appaiono in portoghese e in italiano; e (b) dalla differenza delle regole fonologiche che operano in ognuna delle due lingue. Esistono, inoltre, differenze relative all'intonazione, che però non sono trattate qui. Per giustificare e comprovare l'analisi proposta, sono presentate delle osservazioni sul sistema fonetico e fonologico dell'italiano e del portoghese.

**PAROLE CHIAVE:** Pronuncia dell'italiano; Fonetica; Fonologia; Analisi contrastiva.

**ABSTRACT:** There is a widespread idea according to which the difficulty of pronouncing a foreign language lies in the production of sounds that do not occur in the learner's native language. Without denying this kind of interference, this paper shows that the accent problem goes beyond that: in the case of Italian, command of different sounds is not a problem for acquisition of a good pronunciation by Brazilian students, because all the sounds of Italian also exist in Portuguese. Even double consonants occur in Portuguese, as shown by observed data. Nonetheless, there are still pronunciation problems and the Brazilian accent is easily detected. The problem, then, does not arise from the lack of command of the phones, and must have its origin in other factors. The hypothesis offered here considers that Brazilian accent is caused by two factors: (a) difference of the environments in which Italian and Portuguese sounds occur in each language; and (b) different phonological rules applying in the two languages. Besides, there are intonational differences, not considered here. In order to give the hypothesis due support, some considerations are made on the phonetic and phonological structures of Italian and Brazilian Portuguese.

**KEYWORDS:** Pronunciation of Italian; Phonetics; Phonology; Contrastive analysis.

## 1. Introdução

Quando uma pessoa se propõe a aprender uma língua estrangeira, pretende normalmente se apropriar do sistema dessa língua em todos os níveis: estrutural, lexical, fonológico, pragmático etc. Porém, o nível fonológico parece ter uma proeminência importante. Tanto é assim que se costuma ouvir comentários do tipo “Fulano fala muito bem, quase não tem sotaque” – como se uma coisa decorresse da outra, ou como se o fato de “quase não ter sotaque” fosse uma prova da proficiência do falante na língua estrangeira. Apesar de uma boa pronúncia não ter necessariamente uma relação direta com o grau de domínio linguístico, é também verdade que comentários como esse têm seu motivo de ser, uma vez que a má reprodução do sistema fonológico pode não só criar empecilhos para a espontaneidade e a naturalidade do diálogo, como pode chegar até mesmo a bloquear a comunicação. Portanto, uma boa pronúncia parece ser uma questão relevante na aprendizagem de uma língua estrangeira.

O ponto a ser discutido é que geralmente se considera que aprender a pronúncia de uma língua estrangeira equivale a aprender os sons dessa língua, especialmente os que são diferentes daqueles da língua materna do estudante. Geralmente se pensa que basta aprender os sons da língua estrangeira para se ter uma pronúncia adequada. Tanto é assim que, em vários manuais de ensino de línguas estrangeiras, geralmente a ênfase recai sobre a articulação de cada som, ou seja, toma-se a questão de um ponto de vista fonético. Essa posição se justifica sobretudo pelo condicionamento da língua materna quanto à distinção dos fonemas. Segundo Camara Jr.,

O grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna. [...] Por exemplo, a consoante típica inglesa, que a escrita indica por *th*, pode ser pronunciada por um português ou um brasileiro à maneira de /t/ ou de /s/, que também existem como fonemas em inglês, de sorte que a frase – “It is thin” (“É delgado”) pode soar como “it is tin” (“é uma lata”), ou “it is sin” (“é um pecado”). E assim por diante. (1985, p. 35)

Quando comparamos o sistema fonético do italiano com o do português, concluímos (como se verá a seguir) que todos os sons do italiano também existem em português. Ora, se é assim, chegamos então à pergunta: se o brasileiro não tem problemas na reprodução dos sons do italiano tomados individualmente (já que todos existem igualmente no português), então de onde vem o sotaque quando o brasileiro fala italiano?<sup>1</sup>

## 2. O alfabeto italiano

Como observado anteriormente, todos os sons da língua italiana existem em português. A representação ortográfica às vezes é diferente, porque nem sempre os sons são codificados na escrita do mesmo modo. Mas não há nenhum som italiano que não ocorra igualmente em português. A língua portuguesa, por outro lado, inclui sons que não existem em italiano.

1 Uma versão deste artigo foi apresentada oralmente no Congresso da Associação Brasileira de Professores de Italiano (ABPI).

O quadro a seguir (Quadro 1) apresenta um comparativo entre palavras italianas que incluem um determinado som (salientado em negrito) e palavras do português que incluem o mesmo som.

**Quadro 1** – Os sons e a ortografia do italiano comparados com os sons e a ortografia do português

Escrita (grafema)	Pronúncia	Exemplo italiano	Exemplo português
A	[a]	<b>a</b> mico	<b>a</b> migo
B	[b]	<b>b</b> ello	<b>b</b> elo
C	[k]	<b>c</b> affè	<b>c</b> afé
	[tʃ]	<b>c</b> inque	<b>t</b> inta
D	[d]	<b>d</b> ata	<b>d</b> ata
E	[e]	<b>e</b> se	<b>m</b> ês
	[ɛ]	<b>v</b> ecchio	<b>v</b> elho
F	[f]	<b>f</b> oto	<b>f</b> oto
G	[g]	<b>g</b> atto	<b>g</b> ato
	[dʒ]	<b>g</b> iorno	<b>d</b> ia
I	[i]	<b>i</b> dea	<b>i</b> deia
	[j]	<b>n</b> azionale	<b>n</b> acional
L	[l]	<b>l</b> ibro	<b>l</b> ivro
M	[m]	<b>m</b> are	<b>m</b> ar

N	[n]	<b>nome</b>	<b>nome</b>
O	[o]	problema	problema
	[ɔ]	moto	moto
P	[p]	<b>pubblico</b>	<b>público</b>
Q	[k]	<b>quando</b>	<b>quando</b>
R	[r]	treno	trem
	[r]	rosso	carro <sup>2</sup>
S	[s]	sempre	sempre
	[z]	caso	caso
T	[t]	<b>telefono</b>	<b>telefone</b>
U	[u]	<b>uva</b>	<b>uva</b>
	[w]	causa	causa
V	[v]	<b>vino</b>	<b>vinho</b>
Z	[ts]	marzo	quartzo, dentes
	[dz]	zona	<b>dezoito</b> (pronúncia rápida)
GN	[ɲ]	montagna	montanha
GLI	[ʎ]	<b>figlio</b>	<b>filho</b>
SC (+ e / i)	[ʃ]	<b>sceriffo</b>	<b>xerife</b>

Fonte: Fulgêncio (2017, p. 9-10)

2 A vibrante alveolar [r] “ocorre em alguns dialetos (ou mesmo idioletos) do português brasileiro. É a pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variantes do português brasileiro (por exemplo, em certos dialetos do português paulista)”. (SILVA, 1998, p. 39)

Como se vê no quadro acima, é sempre possível encontrar uma palavra do português que apresenta o mesmo som presente no alfabeto fonético italiano. O número de fones italianos desconhecidos para um brasileiro é, portanto, equivalente a zero.

Se, por um lado, os brasileiros conhecem todos os sons do italiano, a situação não se inverte, ou seja, não se pode dizer o mesmo com relação a um italiano que aprende o português: nem todos os fones produzidos em português existem em italiano; o inventário fonético do português é maior, uma vez que inclui outros fonemas inexistentes na pronúncia do italiano standard, como as vogais nasais (por exemplo, nas palavras *mão*, *pente*, *fim*, *onça*, *fundo*) e as consoantes [h] (como em *rato*) e [ʒ] (como em *já*).

### 3. O som [tʃ]: uma falsa questão fonética

Há quem imagine que a pronúncia do grupo italiano grafado <ci> seria difícil para o brasileiro. Mas convém não confundir fonética e ortografia. À grafia *ci* do italiano corresponde o som [tʃ], que existe igualmente em português, só que escrito diferentemente: em português se escreve *ti*, mas a pronúncia é exatamente igual. Temos em italiano o som [tʃ] em palavras como *cibo*, assim como temos em português o mesmo som em palavras como *tipo*. A diferença é uma questão ortográfica, de relação som-ortografia, e não uma questão fonética; quer dizer, o italiano e o português produzem o mesmo som [tʃ], só que o registram graficamente de modo diferente.

Convém observar que há dialetos do português em que o grupo <ti> não sofre palatalização e é pronunciado sempre [t]. Porém, em muitos outros dialetos a sequência <ti> (como em “tio”) é produzida com o alofone [tʃ].

Observa-se ainda que o som [tʃ] pode também aparecer com outras vogais além de [i], e nesse caso é escrito com o trígrafo <tch>, como se vê no título da reportagem a seguir (Fig. 1).

Figura 1 – A grafia do som [tʃ] em português, diante de vogal diferente de [i]

**Música**

## Tchutchuca asiática

O funk carioca, quem diria, ganhou a adesão da filha de um terrorista do Sri Lanka

A cantora M.I.A. é um bom exemplo de como funciona a globalização. Cidadã inglesa, ela passou parte da infância no Sri Lanka, terra natal de seus pais. De volta à Inglaterra, tornou-se a mais recente sensação do pop internacional, com uma mistura de reggae eletrônico, música oriental e — é isto mesmo — funk carioca. O detalhe é que a moça nunca frequentou um baile de favela no Rio de Janeiro nem, muito menos, viu de perto uma festa de reggae na Jamaica. “Aprendi a gostar, desses gêneros de tanto ouvi-los nas casas noturnas de Londres”, diz. Agora o funk carioca de

M.I.A. vai passar pelo crivo do público que melhor o conhece. *Amstar*, o CD de estreia da cantora, chega nesta semana às lojas do país, e nos dias 22 e 23 de outubro ela e seu namorado, o DJ Diplo, se apresentam no Rio e em São Paulo como parte do elenco do Tim Festival.

Maya Arulpragasam, de 29 anos, tem uma biografia de causar arrepios até em funkeiros acostumados à violência dos morros cariocas. Seu pai pertence aos Tigres da Libertação, grupo terrorista que luta pela independência da etnia tâmil do governo do Sri Lanka. No mês passado, os Tigres executaram o ministro do

Interior do país, o que pode gerar uma nova guerra civil. “Não sei do parâmetro do meu pai e tenho dúvidas sobre quem são os verdadeiros terroristas”, diz M.I.A., que fugiu do Sri Lanka em meados dos anos 80, mas até hoje guarda seqüelas do caos que impera no país. “Tenho sonhos em que minha casa é invadida por militares e eles exterminam toda a minha família”, diz a moça. Também, com um pai desse...

O nome artístico M.I.A., aliás, é a abreviação em inglês do termo *missing in action*, ou “desaparecido em combate” — e *Amstar*, o título do CD, é o codinome de guerrilha de seu pai. Maya virou M.I.A. quando, depois de se formar em artes por uma universidade londrina, decidiu articular carreira na música eletrônica, gênero em que as siglas andam em alta. Também a opção pelo funk carioca, ainda que deplorável, tem sua razão de ser. Nos últimos dois anos, esse gênero foi exportado para a Europa por meio de comerciais de TV e bailes embulados a “pancada”, — termo pelo qual os DJs chamam aquela inesportável batida do funk. Foi num “pancada” desse que a cantora conheceu o americano Wes Pentz, o DJ Diplo, com quem iniciou um relacionamento profissional e esporadicamente amoroso. “Hoje a gente namora apenas quando viaja junto em turnê”. O rapaz só tem de tomar cuidado com o pai da moça. Aparentemente, M.I.A. não se importa de interpretar um gênero musical identificado com drogas, sexo promíscuo e violência. “Eu também falo de sexo, mas procuro fazer letras mais politizadas”, diz. Para quem está acostumado aos bailes funk do Rio, a cantora deve desapontar no figurino. “Não uso aquelas calças apertadas das funkteras carocas. É impossível rebolar e cantar com aquilo”, afirma ela. M.I.A. pode ser filha de litro, mas, como se vê, ainda tem muita que aprender com as “escheras”. ■

Sérgio Martins



M.I.A., a fígura que não é cachorra: “É impossível cantar e rebolar ao mesmo tempo com aquelas calças apertadas”

122 7 de setembro 2005 veja

Fonte: Revista Veja (7/9/2005)

O quadro a seguir (Quadro 2) exemplifica a presença do som [tʃ] seguido de diferentes vogais.

**Quadro 2** – A ocorrência do som [ tʃ ] em português – exemplos

Fonema	Exemplo
[tʃ i]	tio – tipo
[tʃ a]	tchau – tcha tcha tcha – tchan
[tʃ ɛ] - [tʃ e]	tcheco - Tchêquia (antiga Tchechoslováquia) – tchê
[tʃ u] – [tʃ ã]	tchurma – nem tchum – exemplo: “Ela começou a malhar. Eu nem tchum. Aí ela mudou de xampu.” [propaganda]

Há inclusive pares mínimos que sugerem que o som [tʃ] pode ser considerado um fonema independente em português (Quadro 3):

**Quadro 3** – O fonema / tʃ / em português – pares mínimos

Fonema / tʃ /	Fonema / t /
tchau [tʃ aw]	tal [t aw]
tchê [tʃ e]	Tê [t e] (apelido de Teresa)
tcheco [tʃ ɛ ku]	teco [t ɛ ku]

### 3.1 Variantes da pronúncia de <gli> (em italiano) e de <lh> (em português)

Em italiano o grafema <gli> – como na palavra *aglio* – é pronunciado como um som lateral palatal [ʎ] e é sempre longo (a não ser em algumas variantes regionais, sobretudo ao norte da Itália). Outra variante, comum principalmente no centro e sul da Itália, é a pronúncia [j:] (semelhante a um *i*), de modo que a palavra *famiglia*, por exemplo, em vez de [fa'miʎ:a] é pronunciada [fa'mij:a] (CANEPARI, 1992, p. 89-91).

Em português o grafema <lh> – como na palavra *alho* – é pronunciado [ʎ] (como em italiano) e também [l]. Para a palavra portuguesa *malha*, por exemplo, são possíveis as pronúncias [maʎɐ] ou [ma'lɐ] (SILVA, 1998, p. 40). A variante [l] é frequente, e nessa pronúncia haveria a inexistência do contraste sugerido pela escrita entre óleo-olho (PONTES, 1973, p. 16).

Coincidentemente com o italiano, também em português, no dialeto dito “sertanejo”, palavras como *mulher* ou *palha*, por exemplo, podem ser produzidas incluindo a semivogal [j], sendo pronunciadas como “muié” e “paia”. Aliás, foi essa variante que permitiu a rima de *espalha* com *praia*, e *batalha* com *paraguaia*, na canção “Cuitelinho”, sucesso da música sertaneja.

### 3.2 Variantes da pronúncia de <gn> (em italiano) e de <nh> (em português)

Em italiano o grafema <gn> – como na palavra *bagno* – é pronunciado como um som nasal palatal [ɲ] e é sempre longo na pronúncia italiana neutra: [ˈbaɲ:o]. Em português existe igualmente a pronúncia [ɲ], ocorrendo ainda a variação livre entre [ɲ] e [ỹ]. Para a palavra *banho* são registradas em português as variantes [ˈbãɲu] ~ [ˈbãỹu] (SILVA, 1998, p. 151).

## 4. Variantes da pronúncia do <r> em italiano e português

Em italiano o grafema <r> é sempre pronunciado de forma vibrante, em qualquer posição na palavra – às vezes de forma monovibrante [r], com uma única pancada da língua atrás dos dentes (que é o chamado *tepe*, como em *treno* ou *mare*), às vezes como uma vibrante múltipla [r̥] (como em *Rosa*), às vezes como uma vibrante longa [r:] (como em *arrivo* ou *ferro*). Uma variante possível é a realização uvular [ʀ], produzida com a vibração da úvula no fundo da garganta, em vez de vibrar a ponta da língua. (CANEPARI, 1992, p. 87)

Em português o som vibrante também aparece em palavras como *trem* ou *para*. Nessas posições, em qualquer região do Brasil, a única pronúncia possível do <r> é o som vibrante, que também existe em italiano. Nos demais contextos a pronúncia pode variar quando se compara a produção do italiano e do português. Em alguns dialetos do português ocorre também a vibrante múltipla, em casos como *rápido* ou *carro*. É uma pronúncia menos comum, de modo que a produção desse tipo de vibrante, com várias batidas da ponta da língua nos alvéolos, é geralmente um ponto de dificuldade na pronúncia do italiano. No Brasil há ainda outra variante possível, que é o “r retroflexo” [ɽ], como em *porta* ou *mar* (SILVA, 1998, p. 39). Por fim, uma variante muito difundida em português é o som glotal [h] em casos como *rato*, *marra*, *mar* ou *carta* (p. 38), que não existe em italiano.

Apesar da existência de variantes e alofones, vale notar que a pronúncia vibrante típica do italiano ocorre também em português.

## 5. Consoantes longas em italiano e em português

Como se sabe, um traço distintivo das consoantes em italiano é a duração. Algumas consoantes longas são representadas na escrita com a reduplicação dessa consoante (como em *gatto*),

com duração em média do dobro do tempo de uma consoante simples (COSTAMAGNA, 1996, p. 91). Mas existem sons que são sempre pronunciados com duração longa, mesmo se escritos sem reduplicação. São sempre longas as consoantes italianas representadas ortograficamente como *sci/sce*, *z*, *gli* e *gn*, quando em posição entre vogais, como em *pesce*, *grazie*, *moglie* e *legno* (p. 210, 245, 264 e 305).

As consoantes longas em italiano têm caráter distintivo, isto é, a duração da consoante serve para distinguir palavras, o que é comprovado pelos pares mínimos apresentados no quadro a seguir (Quadro 4).

**Quadro 4** – Consoantes longas em italiano - pares mínimos

Consoante breve	Consoante longa
nono [ˈnono] (9º)	nonno [ˈnon : o] (avô)
copia [ˈkɔpjə] (cópia)	coppia [ˈkɔp : ja] (casal)
sono [ˈsono] (sou)	sonno [ˈson : o] (sono)
pala [ˈpala] (pá)	palla [ˈpal : a] (bola)

Fonte: Costamagna, 1996, p. 92

Seria esse um traço diferente entre o italiano e o português? A resposta é inesperada: a pronúncia de consoantes longas também existe em português. Vejam-se os exemplos abaixo:

- Não vamos falar sobre política não, porque isso é um campo perigoso.

Pronúncia de “campo perigoso”: [ˈkã p : iriˈgozʊ ]

- Você está com a pele linda!

Pronúncia de “pele linda”: [ˈpe l : iˈdã]

O que acontece é que nesses exemplos há o encontro de duas palavras com sílabas semelhantes. No caso de “campo perigoso”, a cadeia sonora promove o encontro da sílaba final *-po* (de *campo*) com a sílaba inicial *pi-* (de *perigoso*). Nesse caso de *sandhi* a vogal final de *campo* desaparece, gerando uma sequência sonora semelhante a “camppirigoso”. O mesmo acontece no segundo exemplo: a vogal final de *pele* desaparece, e na união das duas palavras é gerada a sequência “pellinda”, onde o [l] é longo. Vale observar que uma fala como “Você está com

a pelinda”, com o [l] breve, seria inaceitável em português – ou agramatical do ponto de vista fonético.

Uma questão que poderia ser levantada é que em italiano a consoante longa é distintiva. Será que em português ocorre o mesmo? Será que também em português a duração da consoante pode ser um traço semanticamente distintivo, ou é só o resultado da haplologia, ou seja, da queda da parte final de uma palavra no encontro de duas palavras? Para obter essa resposta é preciso procurar pares mínimos que poderiam comprovar que o traço “duração” é distintivo na obtenção do significado de duas cadeias sonoras, cuja única diferença seria o traço da duração consonantal. Vamos examinar então os pares mínimos a seguir (Quadro 5).

**Quadro 5** – Consoantes longas em português – pares mínimos

Consoante breve		Consoante longa	
Tá vazando gás.	[tava'zãnu'gas]	Tava vazando gás.	[tav : a'zãnu'gas]
estou fedido	[is'tofi'ʒidu]	estofa fedido	[is'tof : i'ʒidu]
há soldado	['asow'dadu]	asoa soldado	['as : ow'dadu]

Imagine-se, por exemplo, o caso de uma pessoa que fez exercícios físicos e não passou desodorante – e conclua: “estou fedido” [is'tofi'ʒidu]. Compare-se com o caso de uma pessoa que supõe que o cachorro fez xixi no sofá e diga: “que estofa fedido!” [is'tof : i'ʒidu] – onde a consoante [f] é nitidamente mais longa.

Conclui-se que a duração consonantal também existe em português, sendo inclusive um traço distintivo na produção de uma cadeia sonora.

A produção de consoantes longas no encontro de duas palavras também acontece em italiano, recebendo várias denominações: *raddoppiamento sintattico*, *rafforzamento sintattico*, *allungamento fonosintattico* ou *cogeminazione*. É o que acontece em casos como *a casa* [a'k : aza], *e poi* [e'p : oi], *chi parte* [ki'p : arte], *tre cani* [tre'k : ani] (CANEPARI, 1992, p. 141).

A diferença entre o italiano e o português consiste no fato de que, em italiano, a consoante longa ocorre tanto em limite de palavra como também dentro da palavra, e nesse caso diferencia itens léxicos. Em português, a consoante longa ocorre somente em limite de palavra e diferencia itens léxicos dentro de contextos sintáticos.

Resumindo as considerações feitas até aqui: realmente todos os sons do italiano existem em português – seja no quadro das vogais, das consoantes simples ou das consoantes longas. Ou seja: do ponto de vista fonético, nenhum fone do italiano é desconhecido de um falante do

português. Conclui-se que a dificuldade do brasileiro na pronúncia do italiano não pode ser decorrente do desconhecimento de algum fone em particular – como acontece com o *th* [θ] do inglês na palavra *think*, ou a vogal [œ] do francês na palavra *coeur*, ou o [β] do espanhol na palavra *acabar*. Voltamos então à questão inicial: se no português existem todos os sons do italiano, de onde vem o sotaque?

Na verdade, o problema aparece quando se considera a produção do som em determinado ambiente fonético. A conclusão que se tira é a seguinte: a dificuldade de pronúncia do brasileiro ao falar italiano é derivada da produção do som “em contexto”. O sotaque é decorrente da diferença das regras fonológicas de cada língua, que levam em conta o contexto fonético e a cadeia sonora.

Em cada língua operam regras fonológicas distintas, que moldam diferentemente os sons produzidos. O falante tem um condicionamento inconsciente dessas regras que funcionam na língua materna, e tende a produzir os sons na língua estrangeira conduzido por esse condicionamento automático. Portanto, para examinar de onde vem o sotaque é preciso examinar o ambiente fonético e as regras fonológicas que operam em cada língua. É o que será examinado a seguir.

## 6. As diferenças fonológicas

O que não foi considerado até agora com relação à pronúncia do italiano – deixando de lado a prosódia ou a curva melódica, de que não trataremos aqui – é o “contexto” em que aparece cada som. Ou seja: onde tal som é produzido: em início de palavra, no final da palavra, entre vogais ou em qual outra posição? Qual é o ambiente em que emerge tal produção fonética?

Para comprovar como o ambiente é relevante na produção de um som, vamos citar um exemplo já mencionado anteriormente: a consoante <r>, que é sempre vibrante em italiano, em qualquer contexto; mas em português o som vibrante aparece em todo o território só depois de consoante (como em *branco*) ou entre vogais (como em *para*) – considerando aqui a maioria dos dialetos, em geral. Nos demais ambientes, por exemplo em início de palavra (como em *rato*), o português brasileiro usa, geralmente, com o som fricativo [h] na maioria dos dialetos. O brasileiro produz o som vibrante em alguns ambientes, mas não em todos (FULGÊNCIO e BASTIANETTO, 1998). Como o contexto de produção do som vibrante é diferente entre o italiano e o português, daí decorre a dificuldade de pronúncia naqueles ambientes onde o som não é produzido na língua materna.

O sotaque ou a dificuldade de produção decorre, portanto, não do desconhecimento de um som tomado isoladamente, mas do desconhecimento da produção do som naquele determinado contexto. Ou seja, muitas vezes o problema de pronúncia está na produção daquele som em um contexto fonético diferente daquele que aparece na L1.

Outra questão análoga à anterior e que influencia a qualidade de produção de um som é a

diferença quanto às regras fonológicas que se aplicam em uma língua, mas não na outra. Sobre esse assunto faremos alguns comentários a seguir.

## 7. Regras fonológicas

Como se sabe, as vogais e as consoantes são “contaminadas” pelos sons vizinhos, e a pronúncia é modificada por esse ambiente fonético. Para exemplificar essa “assimilação”, vamos examinar o caso da consoante nasal /n/ em italiano.

Em italiano a pronúncia do <n> não é sempre a mesma, mas se modifica dependendo da consoante que vem logo a seguir. Na palavra *tanto*, por exemplo, a consoante [n] é produzida com a ponta da língua na região atrás dos dentes (nos alvéolos), onde também é produzida a consoante [t]; mas na palavra *banca* a consoante nasal é pronunciada de modo diferente: [ŋ]. No caso de *banca* a nasal não é produzida com a ponta da língua, mas com a base posterior da língua, em posição velar, onde também é produzida a consoante [k]. Assim, temos [n] + [t] (como em *tanto* [ˈtanto]) – e [ŋ] + [k] (como em *banca* [ˈba ŋ ka]). Isso acontece porque a consoante nasal se adapta à consoante contígua, isto é, molda o seu ponto de articulação assimilando-se à consoante que vem logo a seguir. O comportamento variável do ponto de articulação da nasal /n/ serve para exemplificar como os sons se modificam dependendo do contexto, e como operam as regras fonológicas (nesse caso, a regra de assimilação)<sup>3</sup>.

O falante, ao aprender a língua materna, adquire as regras fonológicas da L1 que a partir daí passam a operar espontaneamente, de forma automática. Assim, quando o brasileiro aprende o italiano e transfere as regras do português para o italiano (automaticamente, inconscientemente, sem sentir), temos duas possibilidades: (a) ou o italiano também tem a mesma regra, e aí a pronúncia é facilitada, ou (b) o italiano não tem a mesma regra, e aí aparece o sotaque.

Vejamos a seguir algumas regras fonológicas que operam em português, mas não em italiano, e por esse motivo geram pontos de dificuldade na pronúncia.

### 7.1 Regras fonológicas que operam em português, mas não em italiano

#### 7.1.1 Nasalização

A primeira regra de que vamos tratar é um dos pontos que provocam o sotaque mais evidente do brasileiro: a nasalização de vogais. Em todo o território brasileiro, toda vogal tônica seguida de consoante nasal, dentro da mesma palavra, é nasalizada. Por isso se diz fama, pano e banho, sempre com o “a” nasal [ã]. Em outros casos, dentro de uma sílaba escreve-se uma consoante nasal depois da vogal só para mostrar que a vogal é nasal, mesmo que essa consoante nem seja pronunciada (a consoante aparece na ortografia só para indicar que a vogal é nasal) – é o caso de campo, pente e fim, onde as vogais a, e, i são nasais e a consoante nasal não tem som.

3 Uma apresentação das regras fonológicas que operam nas línguas encontra-se em Schane (1973).

A vogal só não é nasalizada se entre a vogal e a consoante nasal há um limite de palavra, como acontece na sequência “está na sala” [is'tana'salə].

Pois bem, essa regra de nasalização de vogal antes de consoante nasal não existe em italiano – mesmo porque em italiano nem existem fonemas vocálicos nasais. Portanto, a regra do português não funciona em italiano, e é preciso pronunciar de forma oral (não nasal) as vogais italianas de palavras como *mano*, *tempo*, *fine*, *cono*, *fiume* ou *bagno*, por exemplo. Porém o brasileiro, condicionado pela regra de nasalização interiorizada a partir do português, tende a transferir a mesma regra para as palavras italianas, convertendo em nasais também as vogais do italiano.

## 7.1.2 Alçamento de vogal final

Em português as vogais *a*, *e*, *o*, quando grafadas no final das palavras, sofrem alçamento: o *a* final (como em *porta*) passa para [ə], o *e* final (como em *time*) passa para [ɪ] e o *o* final (como em *fundo*) passa para [ʊ]. Essa regra não existe em italiano; portanto, no ambiente de final de palavra as vogais italianas se mantêm estáveis e não sofrem alçamento. A regra de alçamento vocálico, se aplicada em italiano, gera sotaque.

Convém observar que o som [ə] também é produzido eventualmente em italiano, quando aparece uma consoante final seguida de pausa. Por exemplo, se depois do artigo *il* se faz uma pausa, a pronúncia pode ser [ilə]; o mesmo para *gol* [golə], *bar* [barə] ou *film* [filmə], onde se pode inserir o schwa [ə] no final da palavra, quando depois aparece uma pausa. Porém, em italiano o schwa nunca aparece como resultado do alçamento da vogal final /a/, que é o que acontece em português.

Para comprovar a diferença entre o italiano e o português devido ao fato de não haver em italiano a regra de alçamento de vogal em contexto de final de palavra, compare-se a diferença de pronúncia das palavras a seguir (Quadro 6):

**Quadro 6** – Comparativo de pronúncia da vogal em final de palavra

Português	Italiano
cara [ˈkarə]	cara [ˈkara]
nove [ˈnɔvi]	nove [ˈnɔve]
belo [ˈbelu]	bello [ˈbel:o]

### 7.1.3 Harmonia vocálica

Em muitos dialetos do português opera a regra de harmonia vocálica, que faz com que uma vogal tenha o som aberto, se na sílaba seguinte a vogal também é aberta. Por isso, em português geralmente se diz *meleca* [mɛ'lɛca], *Pelé* [Pɛ'lɛ], *fórró* [fɔ'hrɔ] ou *bolota* [bɔ'lɔta], com o <e> e <o> abertos.

Em italiano, as vogais podem ser abertas ou fechadas só em sílaba tônica (COSTAMAGNA, 1996, p. 40, 60). Se a sílaba é átona, necessariamente a vogal é fechada, e a regra de harmonia vocálica não se aplica. Portanto, em italiano se diz *Venezia* [Ve'nezia], com o primeiro *e* fechado (e não \*[Ve'nezia]), e também diz *celeste* [tʃe'leste], com o primeiro <e> fechado; igualmente para a palavra *comò* se diz [comɔ] (e não \*[cɔ'mɔ]). Em português se diz “moderno” [mɔ'dɛhno], com as vogais *o* e *e* abertas, mas em italiano, na mesma palavra a vogal átona *o* é fechada: [mo'derno]. Idem para “elétrico”: em português as vogais *e* são abertas [ɛ'letriku], mas em italiano não há harmonia vocálica e o *e* átono é fechado: [e'letriku]. O mesmo vale para “colóquio”, pronunciado aberto em português [kɔ'lɔkiu], mas fechado em italiano no primeiro *o*, já que é átono: [ko'l:ɔkwio].

Se o brasileiro, ao falar italiano, aplica a regra de harmonia vocálica e produz uma vogal aberta em posição átona, terá uma fala com sotaque.

### 7.1.4 Dessonorização pós-tônica

O final da palavra é especialmente pouco proeminente em português. Todas as sílabas depois da tônica podem ser dessonorizadas e quase apagadas. Por exemplo, é comum a pronúncia da palavra “**linguística**” com a dessonorização de todo o grupo final “-tica”. Em italiano, diversamente, esse tipo de dessonorização não acontece, e todas as sílabas são sempre sonoras, mesmo as que se encontram em posição pós-tônica. O brasileiro tende a praticar a regra da dessonorização mesmo em italiano, pronunciando a palavra italiana *porta*, por exemplo, com o apagamento da sonorização da sílaba final *-ta*, já que é assim que se pronuncia a mesma palavra em português. Novamente, a transferência da regra de dessonorização leva ao aparecimento de uma pronúncia em italiano pouco aderente àquela do nativo.

### 7.1.5 Prótese

Uma tendência frequente e especialmente incômoda aos ouvidos italianos é a inserção de um “i” no início de palavras que começam como o som [s] + consoante, como em *studente*, *specchio* ou *scala*. Em português, como não existe a sequência inicial # s Consoante, tende-se a dissolver o grupo inserindo a vogal [i] protética, como aconteceu com a palavra *stress*, do inglês, que virou [is'tres] em português. Certamente o encontro de [s] + consoante existe amplamente em português em outros contextos (como em *pasta*, *festa*, *vestir* etc.) – mas nunca no

ambiente inicial da palavra. É esse contexto fonético # s Consoante, inexistente em português, que leva à inserção da vogal protética, gerando o problema de pronúncia.

Uma solução para evitar a inserção de [i] é a união da última vogal da primeira palavra com o [s] que inicia a palavra seguinte, que é exatamente o que faz o italiano na produção dessa cadeia sonora. Por exemplo, na sequência *la scuola*, é útil pensar em unir *a + s*, como se não houvesse limite de palavra (“*lascuola*”), o que levaria à sequência [las]. A estratégia é eficiente porque a sequência [las] existe igualmente em português, o que dissolve o problema (FULGÊNCIO, 2017, p. 90-91).

### 7.1.6 Ligação

Dá-se o nome de “ligação” à “união de uma consoante final com a vogal inicial imediatamente seguinte” (CAMARA Jr., 1977, p. 157). É o que acontece na sequência “*mar azul*”, por exemplo, onde se unem [r] e [a] na cadeia sonora.

Essa regra acontece também em italiano, inclusive quando a consoante final é nasal, como [n]. Isso não acontece em português, porque não existe nenhuma palavra cuja pronúncia inclua uma consoante nasal final. Certamente existem palavras cuja ortografia inclui <m> final, como *assim*, *também* ou *falam*, mas essa consoante aparece aí só para indicar que a vogal anterior é nasal, mas a consoante não é pronunciada. Porém em italiano a consoante nasal final é pronunciada, e por isso se faz a ligação. Sendo assim, a pronúncia da sequência *con un amico* é algo como “conunamico” [konuna'miko]. Ou seja, a consoante [n] se une à vogal inicial da palavra seguinte. Compare-se com a sequência do português *com um amigo*, cuja pronúncia é “cõũa-migo” [kõũa'migu].

A regra da ligação de nasal final + vogal não existe em português; a falta da sua aplicação na produção de sequências em italiano leva a dois problemas fonéticos: a nasalização da vogal (que é um som não existente em italiano) e ao apagamento da consoante nasal nesse contexto, que em italiano é uma consoante pronunciada.

### 7.1.7 Sandhi: apócope + ligação

Outro fenômeno que acontece em final de palavra no português, em determinados contornos fonéticos, é a supressão de vogal átona final em caso de *sandhi*, ou seja, no encontro de duas palavras. Em alguns casos, como na sequência “*carro elétrico*”, o <o> de *carro* pode ser suprimido, gerando a pronúncia “*carrelétrico*” [kahe'letriku]; e numa sequência como “*lata enorme*” o <a> final de *lata* pode sofrer apócope e ocasionar a pronúncia “*latinorme*” [lati'nohmi] (LIBERATO, 1978, p. 85).

Em italiano essa regra não se aplica, de modo que a vogal final não sofre supressão. Existem casos de elisão, mas em ambiente condicionado morfológicamente (como por exemplo em *l'amica, l'ho vista, ce n'era, quell'uomo*). Em outros casos não ocorre elisão no italiano padrão, como se vê nos exemplos a seguir:

- da **u**omo **a** uomo [da'wɔmoa'wɔmo]
- vado **in** campagna ['vadoɪŋkam'paŋa]
- vicino **a** Francesca [vi'tʃinoafraŋ'tʃeska]

Veja-se no quadro a seguir (Quadro 7) a exemplificação da diferença de pronúncia em italiano e em português, em casos de sequências semelhantes. Em português ocorre a supressão da vogal final da primeira palavra, mas em italiano ambas as vogais devem ser pronunciadas distintamente e não há apócope da vogal.

**Quadro 7** – Comparativo de pronúncia da vogal final em caso de sandhi

Português			Italiano		
“menino inteligente”	→	menin <b>in</b> teligente	“ragazzo intelligente”	→	ragazz <b>o</b> intelligente
“livro importante”	→	livr <b>im</b> portante	“libro importante”	→	libr <b>o</b> importante
“casa engraçada”	→	cas <b>in</b> graçada	“casa in affitto”	→	cas <b>a</b> inaffitto
“fato evidente”	→	fate <b>vid</b> ente	“fatto evidente”	→	fatt <b>o</b> evidente

Os brasileiros têm a tendência de aplicar em italiano a regra de supressão de vogal final, sobretudo aqueles em cujo dialeto a apócope é uma ocorrência frequente, como o mineiro. A transferência para o italiano da mesma regra produz uma pronúncia diferente daquela do falante nativo.

### 7.1.8 /l/ > /w/ (semivocalização)

Em português, a letra grafada <l> só é pronunciada [l] se seguida de vogal. Caso apareça em final de sílaba ou em final de palavra ocorre uma semivocalização, de modo que a pronúncia não é [l], e sim [w]. Portanto, em português se diz *lata* ['latə] ([l] + vogal), mas se diz *caldo* ['kawdu] e *mil* ['miw]. Em italiano, diferentemente, não existe a regra de semivocalização, e a pronúncia da letra <l> é sempre [l] mesmo, em qualquer contexto, tanto em início de sílaba (seguida de vogal) quanto em fim de sílaba: *lana* ['lana], *caldo* ['kaldo], *il* ['il]. A aplicação da regra de semivocalização em italiano provoca evidente sotaque.

### 7.1.9 Outras regras

Há ainda outras regras fonológicas que se aplicam em português, mas não em italiano, e vice-versa. Outro exemplo é o caso da palatalização, como já mencionado: em português os sons [t] e [d], diante do som [i], se palatalizam produzindo [tʃ] e [dʒ], respectivamente. Assim, se diz “tatu” com a consoante [t], mas se diz *tio* e *parte* com a consoante palatal [tʃ] (note-se que, apesar de a palavra *parte* ser escrita com a sílaba *-te*, o som da vogal final é [ɪ]); se diz “dado” com a consoante [d], mas se diz *dia* e *grande* com a consoante palatal [dʒ]. Tal regra não existe em italiano, que conserva os sons [t] e [d] mesmo diante de [i].

Vale mencionar ainda mais um último caso: a regra de alongamento de vogal: em português costuma-se alongar a vogal tônica (como quando se diz que “Fulano é um gaaaato.”), mas em italiano a vogal alongada é a vogal final da palavra (como quando se grita “Aspettaaaaa!” – ou quando se diz “il signoreeee...”, enquanto se pensa em como estruturar o discurso a partir desse ponto).

## 8. Conclusão

Certamente existem ainda outras regras que se aplicam diferentemente em italiano e em português. Mas a intenção aqui não é esgotar o assunto, mas apresentar somente uma exemplificação do ponto que pretendemos focalizar e demonstrar, que é o seguinte: o sotaque do brasileiro não é decorrente da dificuldade relativa à fonética dos sons italianos, tomados isoladamente, uma vez que todos os sons do italiano existem em português; o sotaque é decorrente da dificuldade de produção dos fonemas em contextos onde os mesmos sons não aparecem em português; ou decorrente de regras fonológicas que se aplicam diferentemente nas duas línguas.

Levando em consideração essa conclusão, vamos pensar em qual seria o efeito didático dessas observações.

1. Em primeiro lugar, conclui-se que a exercitação dos fones italianos em qualquer ambiente, indistintamente, não é produtiva. Por exemplo, não interessa treinar casos como *treno* ou *caro*, porque nesses contextos o som [r] é facilmente produzido pelo brasileiro. Por outro lado, é útil treinar casos como *riso*, *arrivo* e *bar*, justamente porque são esses os contextos em que há diferença de pronúncia entre o italiano e o português. Ou seja: para se realizar o treinamento fonético, o professor precisa determinar, antes de mais nada, quais são os ambientes onde há assimetria na produção fonética entre as duas línguas.

2. O professor precisa focalizar não só os diferentes contextos de produção fonética, mas também as regras que operam diferentemente nas duas línguas, uma vez que existe a tendência de transferência das regras fonológicas da língua materna para a língua estrangeira. É aí que se concentra a dificuldade de pronúncia, e é aí o grande foco de sotaque.

3. Os sons não devem ser treinados só dentro de palavras, mas também na junção de duas ou mais palavras, porque há várias regras que operam exatamente no contato de uma palavra com outra.

Além dessas observações, convém não esquecer que é ainda preciso levar em conta também os sons inseridos no discurso, o que envolve outras questões, como as curvas entonacionais diferentes para cada intenção comunicativa. Portanto, para minimizar o sotaque devem ainda ser considerados a prosódia, o ritmo e a melodia próprios de cada língua e de cada dialeto.

## Referências

- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 15ª edição, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 7ª edição, 1977.
- CANEPARI, Luciano. *Manuale di pronuncia italiana*. Bologna: Zanichelli, 1992.
- COSTAMAGNA, Lidia. *Pronunciare l'italiano*. Perugia: Guerra, 1996.
- FULGÊNCIO, Lúcia. *Gramática contrastiva italiano-português*. Milano: Hoepli, 2017.
- \_\_\_\_\_.; BASTIANETTO, Patrizia. Um exemplo de análise contrastiva: o grafema r / rr em português e italiano. In: *Caligrama*, FALE/UFMG, Belo Horizonte, p. 165-182, 1998.
- LIBERATO, Yara Goulart. Alterações vocálicas em final de palavra e a regra de palatalização. In: *Ensaio de linguística*, n. 1, FALE/UFMG, Belo Horizonte, p. 80-95, 1978.
- PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1973.
- SCHANE, Sanford A. *Generative Phonology*. New Jersey: Prentice-Hall, 1973.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1998.

Recebido em: 15/08/2020  
Aprovado em: 17/12/2020